



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS - DFCS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC**

CINTIA DENIZE SILVA FERREIRA

MÍMESIS E VERDADE SEGUNDO PLATÃO

**CAMPINA GRANDE
2022**

CINTIA DENIZE SILVA FERREIRA

MÍMESIS E VERDADE SEGUNDO PLATÃO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Curso de Graduação em
Filosofia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento às exigências
para obtenção do grau de Licenciatura em
Filosofia.

Orientador: Professor Dr. José Arlindo de Aguiar Filho

**CAMPINA GRANDE – PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383m Ferreira, Cintia Denize Silva.
Mimesis e verdade segundo Platão [manuscrito] / Cintia Denize Silva Ferreira. - 2022.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Platão. 2. Poesia. 3. Arte. I. Título

21. ed. CDD 184

CINTIA DENIZE SILVA FERREIRA

MÍMESIS E VERDADE SEGUNDO PLATÃO

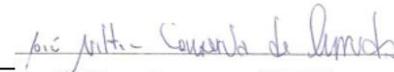
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Curso de Graduação em
Filosofia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento às exigências
para obtenção do grau de Licenciatura em
Filosofia.

Aprovada em: 29/11/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho (UEPB)
Orientador



Prof. Dr. José Nilton Conserva (UEPB)
Examinadora



Prof. Dr. Otacilio Gomes (UEPB)
Examinador

CAMPINA GRANDE – PB
2022

Dedico a minha querida mãe Janis Cleide
Silva.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	REFERÊNCIAL TEÓRICO	7
2.1	Mundo Sensível e Mundo Inteligível	7
2.1.1	<i>O belo.....</i>	9
2.2	Mímesis.....	10
2.2.1.	<i>A crítica aos poetas</i>	11
3	METODOLOGIA.....	13
4	RESULTADOS E DISCURSÃO	20
5	CONCLUSÃO.....	22
	REFERÊNCIAS	23

MÍMESIS E VERDADE SEGUNDO PLATÃO

MIMESIS AND TRUTH ACCORDING TO PLATÃO

FERREIRA, Cintia Denize Silva¹
AGUIAR FILHO, José Arlindo²

RESUMO

A definição grega de mimesis, bem como sua tradução do latim *imitatio*, encontra-se presente no cerne da reflexão filosófica ocidental e da práxis artística por séculos. Apesar de condenar a poesia mimética, Platão utiliza da mimesis na formulação de seus diálogos. Baseado na hipótese de que as definições da mimesis sejam distintas, porém conciliáveis de acordo com o entendimento de que o livro 10 ofertaria um sentido “mais aberto” para tal terminologia e o livro 3 levantaria “limitações”, mobilizando algumas tentativas para resolver as dificuldades expostas pela mimese na República, desenvolvendo a seguinte problemática: até que ponto a mimese pode influenciar na construção do conceito de verdade? Para solucionar a pergunta em questão foi traçado como objetivo geral: Definir o conceito de mimesis segundo a obra de Platão. E como objetivos específicos: Traçar uma diferenciação entre o mundo sensível e o mundo inteligível; analisar a definição do belo de acordo com Platão; por fim, expor a crítica de Platão a poesia. Na metodologia, a pesquisa foi caracterizada como descritiva, bibliográfica, explicativa e exploratória. Os dados contidos na mesma foram recolhidos através de pesquisas já publicadas, que comprovam a importância e eficácia da pesquisa em questão. Nos resultados, pode-se observar que os questionamentos abordados tem seus posicionamentos ora negativos (mimese poética), ora positivos (mimese filosófica) contudo, independentemente dos eventos a mimese adota uma colocação intercessora entre o mundo sensível e o das ideias, levando em consideração que ela se coloca como um elemento crucial para a elaboração do aparecimento do mundo. Assim sendo, a mimese é inespecífica, vaga e flutuante, todavia indispensável.

Palavras-Chave: Platão. Poesia. Mimese. Arte.

ABSTRACT

The Greek definition of mimesis, as well as its translation from the Latin *imitatio*, has been at the heart of Western philosophical reflection and artistic praxis for centuries. Despite condemning mimetic poetry, Plato uses mimesis in the formulation of his dialogues. Based on the hypothesis that the definitions of mimesis are distinct, but reconcilable according to the understanding that book 10 would offer a “more open” meaning for such terminology and book 3 would raise “limitations”, mobilizing some attempts to resolve the difficulties exposed by mimesis in the Republic, developing the following problem: to what extent can mimesis influence the construction of the concept of truth? To solve the question in question, the general objective was outlined: To define the concept of mimesis according to Plato's work. And as specific objectives: To draw a differentiation between the sensible world and the intelligible world; to analyze the definition of the beautiful according to Plato; finally, expose Plato's criticism of poetry. In terms of methodology, the research was characterized as descriptive, bibliographical, explanatory and exploratory. The data contained therein were collected through already published research, which proves the importance and effectiveness of the research in question. In the results, it can be observed that the questions addressed have their positions sometimes negative (poetic mimesis), sometimes positive (philosophical mimesis), however, regardless of the events, mimesis adopts an intercessory position between the sensible world and that of ideas, taking into account that it stands as a crucial element for the elaboration of the appearance of the world. Therefore, mimesis is unspecific, vague and fluctuating, yet indispensable.

Keywords: Platão. Poetry. Mimesis. Art.

¹ Graduanda em Filosofia pela UEPB – Campus I. E-mail: <cintia.ferreira@aluno.uepb.edu.br>.

² Doutor E-mail: <arlindoaguiar12@gmail.com>.

1 INTRODUÇÃO

Em sua grande obra sobre a Justiça, ao longo de dez livros, Platão constrói dialeticamente, A República, uma Cidade “de palavras” justas correspondentes ao Indivíduo justo. Cidade e Indivíduo espelham-se como macrocosmo e microcosmo, classificando-se como estruturas complexas de partes hierarquizadas em função do Bem e da Verdade (BLACKBURN, 2018).

A compreensão de arte em Platão (428/427 a.C. – Atenas, 348/347 a.C.) é muito extensa e profunda, vai desde a arte concebida como *techne*, que pressupõe um saber e um fazer, até a *poiesis*, como ação de fabricar, composição de algo, que remete a produção pelo demiurgo. Dito isto, para que se possa focar no conceito central na teoria platônica, o conceito de mimesis, como também, abordar um pouco da crítica de Platão aos poetas, fez-se necessário apresentar o dualismo platônico entre mundo sensível e inteligível, no intuito de expor o que é para Platão a ideia de Belo, a mimesis e como a teorização estética perpassa seu pensamento (PEREIRA, 2014).

A palavra “estética” vem do grego *aisthesis*, significando sentir. “Na história da Filosofia o primeiro a utilizá-la filosoficamente foi Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762), um filósofo e educador alemão” (SPINOZA, 2019, p. 45). Ele a utilizou para designar uma disciplina que se ocupa da arte e do belo. Na modernidade, estética relaciona o belo com a percepção sensorial, sendo esta relação entre o belo e a percepção sensorial específica da modernidade. Platão, porém, apresentou uma teoria do belo completamente oposta a visão que se articulou na modernidade. “Se na modernidade o belo é apreendido por meio da percepção sensorial, em Platão é justamente o contrário, é através do afastamento do sensorial e a contemplação das formas (ideias) imutáveis que se compreende o belo” (PENNA, 2006, p. 87).

A questão estética: o que seria o belo? está desde os primórdios da filosofia até os dias atuais inquietando e sendo objeto de pesquisa. E foi com Platão que iniciaram as primeiras formulações sobre o tema, sendo a primeira teoria da arte e do belo a que podemos nos referir (GADAMER, 1985).

Como exposto anteriormente, para que haja uma compreensão sobre a teoria da arte em Platão, necessita-se abordar temas como os dualismos que perfazem toda sua filosofia. Para a construção do presente trabalho, serão apresentados levantamentos bibliográficos sobre o principal dualismo relacionado ao mundo inteligível e o sensível. Tendo neste dualismo a base do pensamento platônico, encontra-se uma estrutura dual também na teoria da arte do filósofo. Deste modo, os primeiros apontamentos realizados serão a respeito das concepções de mundo inteligível e sensível, levando em consideração sua relevância quando o conceito de mimesis e a crítica de Platão aos poetas forem apresentados.

Baseado na hipótese de que as definições da mimesis sejam distintas, porém conciliáveis de acordo com o entendimento de que o livro 10 ofertaria um sentido “mais aberto” para tal terminologia e o livro 3 levantaria “limitações”, mobilizando algumas tentativas para resolver as dificuldades expostas pela mimese na República, desenvolvendo a seguinte problemática: **até que ponto a mimese pode influenciar na construção do conceito de verdade?** Para solucionar a pergunta em questão foi traçado como objetivo geral: Definir o conceito de mimesis segundo a obra de Platão. E como objetivos específicos: Traçar uma diferenciação entre o mundo sensível e o mundo inteligível; analisar a definição do belo de acordo com Platão; por fim, expor a crítica de Platão a poesia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Mundo Sensível e Mundo Inteligível

A concepção de realidade em Platão é dualista. O filósofo acreditava na existência de uma realidade material, mas não apenas ela, também haveria uma realidade imaterial não observável. Partindo desse pressuposto, é possível afirmar também uma realidade material de observação do mundo através de nossos sentidos. Já a realidade imaterial que dentro da filosofia platônica ficou comumente cunhada de mundo das ideias, sendo um âmbito puramente supra sensível que só de forma intelectual se teria acesso. O dualismo entre mundo das ideias e o mundo da sensibilidade é central no pensamento de Platão, uma visão de realidade que tenta abarcar os conceitos de imutabilidade, transitoriedade, universalidade, particularidade e principalmente as ideias de realidade verdadeira e ilusória (NUNES, 2001).

No mundo Inteligível as Ideias existem “em si” e “por si”, ou seja, elas não dependem de nenhum sujeito particular, não são subjetivas e nem surgem das sensações. “Isto quer dizer que elas se mantêm sempre da mesma maneira, puras e imóveis. Já o mundo sensível aparece como cópia do mundo inteligível” (HAVELOCK, 1996, p. 72). Dito isto, avalia-se o mundo sensível como uma imagem móvel do eterno, sendo em si um mundo material onde o conhecemos por meio das sensações.

É possível afirmar que é com as Ideias que Platão descobriu o mundo do inteligível como a dimensão incorpórea e metaempírica do ser. E esse mundo do inteligível incorpóreo transcende o sensível, não no sentido de uma absurda ‘separação’ e sim no sentido da causa metaempírica, a verdadeira razão de ser do sensível. O dualismo platônico não significa, no horizonte dessa interpretação, uma radical separação do sensível, ao contrário, admite a existência de uma causa suprassensível, a saber, as Ideias, como razão de ser do sensível (REALE, 2007, p. 32).

Desta maneira, conclui-se que o dualismo entre mundo inteligível e sensível de Platão pretendeu sustentar que o sensível só pode ser explicado mediante o recurso do supra-sensível, sendo as Ideias essência em si que organizam e determinam nossa realidade (MUNIZ, 2000).

O mundo sensível se explica, de acordo com Platão, somente com a dimensão do suprassensível. Não há uma negação do mundo sensível, mas uma concepção hierárquica do real, sendo que, o plano inferior não pode ser (e não pode ser pensado) sem o superior (RANCIÈRE, 2005, p. 28).

Apresentado os dois mundos, fica claro que em Platão o mundo supra sensível é uma realidade efetiva e produtora da verdade, sendo então o mundo sensível uma cópia e conseqüentemente uma realidade ilusória (BLACKBURN, 2018).

A distinção entre duas dimensões da mesma realidade fundamenta-se na compreensão das Ideias como ser em sentido puro e total, isto

é, não suscetíveis à corrupção e ao devir, enquanto as realidades físicas estão mescladas com o não-ser. Não se trata do absoluto não-ser, mas que o ser do mundo sensível é em certa medida condicionado pelo não-ser, pois o mundo físico é ser em devir e, portanto, intermédio entre ser e não ser (MUNIZ, 2002).

Isso posto, indica-se que uma discussão envolvendo a teoria da arte em Platão é delimitada conceitualmente por este dualismo entre Ideia e forma, fazendo com que se tenha claramente o que é verdadeiro e ilusório para Platão. O belo como uma Ideia imutável e verdadeira é superior a pintura e a poesia, por estas serem produtos da arte mimética, criações ilusórias. Para tal, o próximo tópico abordará brevemente a teoria do belo de acordo com o posicionamento de Platão.

2.1.1 O belo

Para falar sobre o belo em Platão é iremos antes de tudo contextualizar um pouco o que seria a *Paidéia* (sistema de educação grego) no período da Grécia clássica. Esta contextualização nos fornece uma introdução ao pensamento da época a qual Platão é um dos maiores representantes e herdeiros. No período clássico a educação grega tinha como centralidade a ideia de *kalokagathía*, que de forma basilar, diz respeito a compreensão que valores estéticos e éticos convergem para a mesma finalidade, a ideia do Bem. Sendo assim, a *Paideia* jamais dissocia a ética e a política da estética e das técnicas de produção dos (belos) objetos (GADAMER, 1985).

Platão ao refletir sobre a tradição grega que associa o belo e o bem (*kalokagathía*), a uma beleza concreta que engloba objetos como estátuas, a dança, o mito etc. Logo, “A reflexao sobre a arte na modernidade relaciona o belo com a percepção sensorial” (GREUEL, 1994, p. 54).

A partir disso é realizada uma reformulação de tal compreensão através de uma investigação filosófica, fazendo com isso a abstração da ideia de belo, desvinculando o belo de fenômenos particulares e concretos. De acordo com Suzuki (2015) ao conduzir sua reflexão para a divisão entre realidade sensível e um plano metafísico transcendente, Platão inaugura uma concepção estética filosófica que tem por base toda uma doutrina normativa ética e política.

Com isso, o belo não é uma sensação, nem tão pouco uma característica de um determinado objeto, mas antes, a essência das coisas, a verdade imutável e ideal de perfeição. É precisa esclarecer que em Platão Belo e Bem são sinônimos de Perfeição. “O belo nesta perspectiva só pode ser objeto de pesquisa da filosofia, já que para Platão esta tem por objetivo a contemplação da essência ideal e verdadeira do cosmo” (SCHUHL, 2010, p. 82).

Logo, o belo, encontra-se no domínio inteligível, visto que existe a Ideia da beleza. “O belo envolve a alma e a atrai para a deliberação filosófica, para pensamentos de beleza absoluta e subsequentemente para outros conceitos, como bem e perfeição” (BARBOSA, 2015, p. 64). Como mencionado anteriormente, o mundo inteligível determina a realidade sensível, a ideia de belo é fundamental como padrão estético na sociedade ideal de Platão, sendo o sensível transitório e por isso secundário dentro do ordenamento da Polis. E é desta busca em construir uma sociedade ideal, guiada pelas verdades imutáveis, que Platão se afasta da arte mimética e da narrativa poética como veremos.

2.2 Mímesis

Platão cita a mímesis como uma característica da poesia apenas no livro 3 da República. No livro 10 a caracterização sofre alterações, sendo o problema não apenas a questão da imitação, mas a perturbação que esta causa na alma. Sendo assim, vamos os debates a respeito da mimética, especificamente neste trabalho, terão seu início no questionamento levantado no livro 3, onde o problema é mesmo o fator ilusório da mímesis, apresentado na citação abaixo:

Ora a verdade é que é preciso que compreendas – repliquei – Talvez desta maneira entendas melhor. Acaso tudo quanto dizem os prosadores e poetas não é uma narrativa de acontecimentos passados, presentes ou futuros?

- Pois que outra coisa poderia ser?

- Porventura eles não a executam por meio de simples narrativa, através da imitação, ou por meio de ambas? (República, 1987, p. 392d).

No desenvolver do diálogo de sua tese, Platão continua tratando a mímesis como ilusão, ou melhor, como compreensível apenas sob o signo da aparência e falha. “Sócrates define imitação, argumenta contra ela e, finalmente, proclama que nenhuma poesia mimética será admitida na cidade que a República está fundando” (FREIRE, 1954, p. 179). O argumento principal é direto o suficiente. O que a nova cidade realmente não quer é a apresentação de tipos inferiores, porque estimula os comportamentos encontrados nas pessoas que estão sendo mimetizadas.

- Por conseguinte, se conservarmos o primeiro argumento, de que os nossos guardiões, isentos de todos os outros ofícios, devem ser os artífices muito escrupulosos da liberdade do Estado, e de nada mais se devem ocupar que não diga respeito a isso, não hão-de fazer ou imitar qualquer outra coisa. Se imitarem, que imitem o que lhes convém desde a infância - coragem, sensatez, pureza, liberdade, e todas as qualidades dessa espécie. Mas a baixezinha, não devem praticá-la nem ser capazes de a imitar, nem nenhum dos outros vícios, a fim de que, partindo da imitação, passem ao gozo da realidade. Ou não te apercebeste de que as imitações, se se perseverar nelas desde a infância, se transformam em hábito e natureza para o corpo, a voz e a inteligência? (República, 1987, p. 395c-395d).

Neste sentido, Platão proíbe todas as representações de personagens perversos e medíocres, mas não as representações de bravos soldados, filósofos e outros tipos saudáveis. “O poeta é um visitante porque a poesia mimética não tem um lar natural na cidade dos filósofos” (TERRA, 2003, p. 143).

Já no Livro 10 Platão nos apresenta um novo argumento. Este novo argumento acusará a poesia de perturbar o equilíbrio entre as partes da alma. Platão argumenta que a poesia prejudica a alma. Ele diz que as ilusões da poesia e pintura fortalecem a pior parte da alma e a voltam contra o melhor, apontado no primeiro trecho deste argumento:

- Por Zeus! - exclamei eu -. Essa imitação está três pontos afastada da verdade ou não?

-Está.

- Além disso, em que parte do homem exerce o poder que detém?

- De que pretendes falar?

-Do seguinte: a mesma grandeza, vista a nossos olhos de perto e de longe, não parece igual.

-Pois não.

- E os mesmos objectos parecem tortos ou direitos, para quem os observa na água ou fora dela, côncavos ou convexos, devido a uma ilusão de óptica proveniente das cores, e é evidente que aqui há toda a espécie de confusão da na nossa alma. Aplicando-se a esta enfermidade da nossa natureza é que a pintura com sombreados não deixa por tentar espécie alguma de magia, e bem assim a prestidigitação e todas as outras habilidades desse género.

-É verdade.

- Mas não se inventaram a medição, o cálculo, a pesagem, como auxiliares preciosos contra esses inconvenientes, de tal modo que não prevalece em nós a aparência de maior ou menor, mais numeroso ou mais pesado, mas o que se calculou, mediu ou pesou?

-Pois não!

- Ora, realmente, essas operações podem ser o trabalho da razão que está na nossa alma.

- É dela, efectivamente.

- Mas perante esse princípio, quando mediu e assinalou que certos objectos são maiores ou menores que outros, ou iguais a eles, surgem aparências por vezes em relação com os mesmos objectos, ao mesmo tempo.

-Surgem.

- Não afirmámos que é impossível que o mesmo elemento tenha, ao mesmo tempo, opiniões contrárias sobre os mesmos objectos?

- Afirmámos, e com razão.

- Portanto, o que julga na alma à margem da medida, não poderá ser o mesmo que o que julga com medida.

-Pois não.

- Mas, realmente, o elemento que faz fé na medida e no cálculo deverá ser a melhor parte da alma.

- Sem dúvida.

- Logo, o que lhe for contrário pertencerá ao número do pior que temos.

- Forçosamente.

- Era a este ponto que eu queria chegar, quando dizia que a pintura e, de um modo geral, a arte de imitar, executa as suas obras longe da verdade, e, além disso, convive com a parte de nós mesmos avessa ao bom-senso, sem ter em vista, nesta companhia e amizade, nada que seja são ou verdadeiro (REPÚBLICA, 1987, p. 602c – 603b).

Levantando mais uma vez o posicionamento de Sócrates, quando traça uma analogia entre poesia e pintura. “Se você é parcialmente enganado por uma aparição de mesa manipulada por uma pintura, mas parcialmente detecta a falsidade, que parte de você faz isso?” (LAGE, 2000, p. 93). O impulso racional da alma deve ser a parte que sabe que a pintura não é uma mesa real. Portanto, ser enganado por uma ilusão ótica ou artística deve ser a atividade de alguma parte da alma distinta da razão. Platão não especifica a parte irracional em questão.

O que Platão faz é um debate complexo sobre como o erro perceptivo pode prejudicar a saúde mental ou a integridade moral, sendo a questão moral a centralidade da crítica. Deste modo, se uma forma de arte fomenta o interesse por ilusões, esta forma de arte acompanha desejos irracionais, bem como a imitação produz um efeito pior do que a ignorância, não apenas ensinando nada, mas gerando uma preferência pervertida pela ignorância em relação ao conhecimento (PEREIRA, 2014).

A mimesis não deixa ao espectador nenhuma verdade para avaliá-la. Isso significa que o poeta não tem verdades para transmitir. Já o legislador trabalha de forma diferente disso. Ele contempla a verdade e dela vem sua inspiração e a origem das leis, sendo estas as melhores leis para a Polis (MUNIZ, 2000, p. 38).

Logo, em termos gerais, para Platão, a mimesis traz consigo duas problemáticas:

- 1) Origina-se mais na aparência do que na realidade, de modo que, julgado em seus próprios termos, o produto da imitação tem uma linhagem medíocre: “Se o medíocre se associa ao medíocre, a arte de imitar só produz mediocridades” (República, 1987, 603b).
- 2) As artes imitativas direcionam positivamente a alma para as aparências, longe de objetos apropriados de investigação. “Um reflexo no espelho pode fazer com que você se vire e olhe para o que está sendo refletido; uma imitação mantém seus olhos apenas na cópia” (ACHCAR, 1991, p. 155). A imitação tem uma causa básica e efeitos básicos.

2.2.1 A crítica aos poetas

Platão na República livro 10, acaba expulsando os poetas de sua cidade. Ele avalia de forma negativa o papel da poesia no currículo da turma de guardiões da cidade. Tendo em Homero o maior representante da poesia grega, ele condena as imagens de deuses e semideuses que Homero e os trágicos produziram, blasfemando e dando maus exemplos aos jovens (REALE, 2007).

- As que nos contaram Hesíodo e Homero - esses dois e os restantes poetas. Efectivamente, são esses que fizeram para os homens essas fábulas falsas que contaram e continuam a contar.
- Quais são elas então - perguntou - e em que as censuras?
- Aquilo - disse eu - que se deve censurar antes e acima de tudo, que é sobretudo a mentira sem nobreza.
- Que é isso?
- É o que acontece quando alguém delinea erradamente, numa obra literária, a maneira de ser de deuses e heróis, tal como um pintor quando faz um desenho que nada se parece com as coisas que quer retratar (República, 1987, p. 377e).

Ao negar valor positivo da arte mimética Platão, acaba imputando ao pintor e ao poeta uma carga negativa. Não que ele renegasse a arte em geral. Sua preocupação é antes de tudo ética e política, levando em consideração que o poeta pode perturbar a “alma” e com isso trazer efeitos negativos para a República a qual

idealiza. A narrativa poética mimética de acordo com Platão traz o mau exemplo (SCHUHL, 2010).

- Portanto, não acreditemos nem consintamos que se diga que Teseu, filho de Poséidon, e Pirítoo, filho de Zeus, se entregaram a tão terríveis raptos, nem que qualquer outro filho de deus e herói ousaria cometer os feitos tremendos e ímpios de que agora os acusam. Pelo contrário, forcemos os poetas a dizer que não cometeram tais actos, ou então que não eram filhos de deuses, mas que não afirmem as duas coisas a um tempo, nem tentem convencer os nossos jovens de que os deuses são causadores do mal, e de que os heróis não são em nada melhores do que os homens. Tal como anteriormente dissemos, isso é ímpio e falso, depois demonstrámos que é impossível que o mal venha dos deuses.

-Como não?

- Além disso, é prejudicial a quem os ouve. Efectivamente, cada um arranjará desculpa para a sua maldade, na convicção de que assim procedem e procederam também os *descendentes dos deuses, parentes de Zeus, a quem pertence o altar de Zeus ancestral no Monte Ida, lá nas alturas e que não se extingue neles o sangue divino.*

Motivo por que se deve pôr termo a semelhantes histórias, não vão elas desencadear nos nossos jovens uma propensão para o mal (República, 1987, p. 391d - 392a).

É válido ressaltar o temor é com a imagem dos deuses e heróis transmitida pela narrativa poética. Platão teme que o ideal de justiça e honra que deuses e heróis representam, seja desvirtuada, desencadeando a corrupção nos jovens. A vista disso, o filósofo necessitou banir o poeta ou obrigá-lo a ser guiado pelo Legislador. Porque como foi visto, por meio da mimesis o poeta pode criar ilusões diferente do legislador que irá governar de acordo com as Ideias de Bem e Justiça, pois ele conhece a Verdade (BLACKBURN, 2018).

Por isso o poeta precisa ser guiado pela visão do legislador que em Platão é o filósofo. Como abordado anteriormente, a expulsão dos poetas possui um carácter ético e político, já que Platão não teme a arte em si, mas uma derivada que, no seu ponto de vista, desvirtua os jovens e pode trazer a corrupção à Polis.

3 METODOLOGIA

A Metodologia é o direcionamento correto da execução do trabalho de pesquisa no geral durante todo seu processo de construção detalhada e meticulosamente. Esta secção traz o levantamento dos tipos de pesquisas, os instrumentos utilizados na análise dos resultados e discussões, além de expor como será a divisão do artigo, logo, é o elemento que contextualiza o trabalho de pesquisa. De acordo com Gil (2008), a pesquisa é de carácter exploratório, levando em consideração que esta tem propõe ao pesquisador mais familiaridade com o objeto de estudo, suscitando o problema e validando da pesquisa.

Descrita ainda através do modelo proposto por Vergara, caracterizando o estudo quanto aos fins e aos meios, a pesquisa é avaliada como descritiva, já que ela “expõe características de determinada população ou de determinado fenómeno e

explicativa, uma vez que, busca esclarecer quais fatores contribuem, de alguma forma, para a ocorrência de determinado fenômeno” (VERGARA, 2011, p.47).

Para tal, a análise procura obter um levantamento de informações, com o escopo de desenvolvê-las sistematicamente, no intuito de explicar e resolver possíveis problemas, exibindo um posicionamento oportuno para a consolidação do mesmo (GIL, 2008). Através de uma avaliação bibliográfica ordenadamente desenvolvida baseadas em teorias dissertadas em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, sendo estes materiais acessíveis ao público de modo geral, cuja finalidade aborde o tema objeto do estudo.

Esta pesquisa utilizou como recorte temporal trabalhos publicados sobre a obra ‘A república’ de Platão que abordassem exclusivamente a temática da *mímeses*, sendo tal delimitação o principal objetivo da revisão bibliográfica.

A análise documental foi realizada em artigos temáticos, livros e revistas publicadas sobre o componente de estudo na composição da análise bibliográfica da pesquisa, evidenciando a efetividade da mesma (NASCIMENTO, 2002).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer da história do pensamento filosófico a estética foi constituída como um dos vetores dentro dos campos de interpretação e investigação. Suas primeiras definições foram ditadas durante a Antiguidade grega, tendo como principais teóricos Aristóteles e Platão, porém recebeu desafiadoras e novas acometidas durante o período moderno, especialmente nas dissertações de Immanuel Kant e Hegel. Primeiramente, faz-se necessário explicar o que é a estética como uma extensão específica da filosofia, e subseqüentemente, traçar um cenário do apotegma estético na antiguidade (Platão e Aristóteles) (PENNA, 2006).

Por definição, a estética é a extensão filosófica que avalia, necessariamente, sobre o conceito do belo e a arte de modo geral. A palavra “estética” vem do grego *aisthesis*, que significa – dentre outras coisas – “faculdade de sentir” ou “compreensão pelos sentidos” (DERRIDA, 1997, p. 45). Partindo desse pressuposto, os questionamentos mais centrais relacionados ao estudo da estética são:

O que é a arte? É possível defini-la ou ela escapa a toda e qualquer definição última? Qual é o papel da arte nas sociedades humanas? Quais os seus limites? Já em relação ao conceito do belo, a estética tenta responder: A beleza pode ser definida? Ela se encontra no objeto observado ou no sujeito que a contempla? Como interpretar os padrões de beleza que surgem em dados contextos culturais? (CAIMI, 2003, p. 112).

É humanamente impossível discorrer sobre a estética grega antiga sem repassar os tipos de artes que, geralmente, eram desenvolvidos naquele contexto histórico. “Trata-se da arte naturalista, onde a imitação da realidade era maior parte do trabalho dos artistas gregos. A exemplo, são as esculturas que imitavam os heróis olímpicos, como a obra Discóbolo de Miron” (LAGE, 2000, p. 94). De acordo com Platão, tal arte é compreendida exatamente como “mímesis”, isto é, como uma reprodução da realidade – imitação.

Para tal entendimento da teoria estética platônica, faz-se necessário relembrar sua teoria das ideias, que assegura a elegibilidade de dois mundos: o mundo inteligível (ideias) - onde se deparam com a Verdade, Realidade e Essência

de toda a existência, e o mundo sensível – onde observam-se as imitações ou cópias dos padrões universais inteligíveis (RANCIÈRE, 2005, p. 28).

Aplicando a teoria das ideias na compreensão da arte, Platão defende que o artista está a três pontos de distância da verdade, ou seja, que ele está muito longe de ter uma compreensão verdadeira sobre a realidade. Ele é apenas um imitador, um criador de “simulacros” e, portanto, deve ser expulso da cidade Ideal que Platão defende em sua grande obra, “A República” (MUNIZ, 2000, p. 44).

Por certo, o artista transcreve os elementos do mundo sensível. Exemplificando: um pintor observa uma cama particular, e, a pinta procurando perfeição à sua obra. Contudo, o móvel observado por ele para transcrever através da pintura é, para a teoria das ideias, uma cópia imprecisa da ideia de cama (MUNIZ, 2002).

Destarte, para Platão, “o artista faz a cópia da cópia, ou seja, imita coisas (do mundo sensível) que já são cópias (do mundo inteligível)” (BLACKBURN, 2018, p. 65). Por esta razão, o filósofo ateniense afirma que a arte está situada a três passos de alcance da Verdade e que, assim sendo, necessita ser observada e controlada, levando em consideração que o artista seria caracterizado como perigoso dentro de uma sociedade direcionada ao conhecimento racional, como a aludida por Platão.

5 CONCLUSÃO

De acordo com o exposto no presente trabalho, tanto a arte, quanto o belo, podem ser apontados e avaliados em três aspectos: a obra; o artista; e o apreciador. Dito isto, é possível afirmar que, de maneira geral, a estética busca averiguar o caráter do belo ou da arte de acordo com os fatores abordados acima. Como um dos representantes do pensamento filosófico grego, Platão discorre sobre a teoria do belo, entretanto, seu posicionamento é o oposto da definição traçada pela modernidade.

Ele afirma que o belo não está relacionado com a aparência sensória; mas baseada em sua superação. Ou seja, é visualizado como algo divino e não como algo manifestado fisicamente. Logo, o filósofo não mostra se importar com a Arte, visto que ela replica objetos no mundo inteligível. Desta maneira, a arte pode ser considerada como um elemento nocivo por repelir a visão do homem da essência verdadeira das coisas.

Além do mais, a visão platônica também pode ser avaliada como a fórmula de uma postura de consciência apurada no que diz respeito ao mundo. Isto é, marca um determinado período na desenvoltura histórica de consciência do ser humano. Em síntese, Platão concebe um método de consciência que ainda não consegue visualizar a importância e o valor do mundo passageiro. Ou seja, as ideias são classificadas como válidas independentes das pessoas e dos objetos que as rodeiam.

De mais a mais, o desenvolvimento filosófico versa num artifício evolutivo para desmistificar tal essência. De acordo com Platão, o filósofo têm de superar a utopia para se valer da essência exata das coisas. Ele se legitima de conceitos multiformes e contraditórios para adotar uma verdade coerente e necessária em si. Neste aspecto, o percurso do filósofo é a estrada para a realidade e, conseqüentemente, a verdade. Para percorrer esse caminho, o pensador exercita

não apenas seu intelecto, como realiza uma mudança na alma que propende inicialmente para o mundo material.

Platão admite a competência que a poesia apresenta na arte de seduzir através da persuasão, sentido este derivado da mímese, ou seja, da conciliação de caráter dúbio da imagem, entretanto, em sua teoria, ele tange o que se apresenta através do envolvimento/emoção (mentira) na mímese. Platão censura a poesia mimética e o fato de ser bela mesclando o erro, todavia os aspectos desses recursos utilizados na imitação não, levando em consideração que ele faz uso de todos esses elementos: o diálogo mimético, no que diz respeito a reprodução da voz e as expressões da oralidade expostas no decorrer da sua obra, trabalhados com maestria no Fédon no Banquete; a narrativa ficcional, por sua credibilidade exposta no Teeteto nos diversos mitos que descreve em sua tese, apontando como o discurso filosófico carece da mímese para alcançar o mundo das ideais.

Assim, além de elaborar um sistema filosófico, Platão produz um mecanismo literário, o diálogo socrático: apresenta-se como mímese do pensamento, buscando não ser uma mímese de acontecimentos e sim de uma vertente filosófica direcionada para o intelecto. Produz uma afinidade entre seu projeto poético e seu projeto filosófico através da maneira utilizada em seus, já que interessa mais a pergunta do que a resposta no método dialético, mediando uma condição de diálogo eterno, a propriedade basilar do drama. Essa é classificada como um dos elementos nefastos, tais como o destino e o sofrimento e decomposta numa procura da expressão oral que acarreta na preparação da ciência verdadeira e única, dessemelhante da poesia mimética, que direciona a múltiplos sentidos, pelo meio do efeito dispersivo. Contudo, a preparação para o conhecimento único está revestida de tragicidade.

Finalmente, o caráter indeterminado da mímese em Platão é evidenciado na determinação ambígua dada a terminologia, apresentando dimensões ora negativas, ora positivas em concordância com o incremento do seu aparelho filosófico. Destarte, é evidenciada na classificação de Platão a respeito da mímese a importância atribuída a tal conceito, tanto nos escritos de seus diálogos, quanto no seu sistema filosófico, elaborando mimeticamente a circunstância de diálogo representando o mundo mimeticamente descontaminado das ideias. Neste aspecto, a praxe mimética é uma estrutura capital para estabelecer uma noção da realidade, em compensação, pode simular uma condição de 'perda do eu', direcionando o sujeito ao conhecimento por meio de ilusões.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco. **Platão contra a poesia**. Revista USP (8): 151 – 158, Dez – Fev. 1991.

BARBOSA, Ricardo. **Limites do Belo**: estudos sobre a estética de Friedrich Schiller. Belo Horizonte: Relicário, 2015.

BLACKBURN, Simon. **A república de Platão**: uma biografia. Tradução Roberto Franco Valente. Ed. Schwarcz - Companhia das Letras, p. 186. 2018.

CAIMI, Claudia. **A natureza flutuante da mímese em Platão**. Classica, São Paulo, v. 15/16, n. 15/16, p. 99-115, 2002/2003.

DERRIDA, Jacques. **A Farmácia de Platão**. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 1997.

FREIRE, A. **As Ideias Estéticas de Platão**. *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. 10, no. 2, 1954, pp. 175–84. JSTOR, Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40333440>. Acesso em 10 Nov. 2022.

GADAMER, Hans Georg. **Atualidade do Belo**: A arte como Jogo, Símbolo e Festa. Trad. de Celeste Aida Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GREUEL, Marcelo da Veiga. **Da "Teoria do Belo" à "Estética dos sentidos"**: reflexões sobre Platão e Friedrich Schiller. 1994. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/4e347335848ef4425cc253a68f247630/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2034147>. Acesso em: 10 nov. 2022.

HAVELOCK, E. **Prefácio a Platão**. São Paulo: Papyrus, 1996.

LAGE, Celina Figueiredo. **Mímeses na República de Platão**: As múltiplas fases de um conceito. *Kritérion* 102: 89 – 96. 2000.

MUNIZ, F. **“Mímesis e Analogia na Crítica à Retórica do Górgias de Platão”**. Gragoatá - *Revista do Instituto de Letras da UFF*, vol. 8, p. 129-140, 2000.

_____. **O Prazer e a deficiência do mundo sensível**. O que nos faz pensar 15. Rio de Janeiro: PUC-RIO, p. 185-196, 2002.

NASCIMENTO, Dinalva Melo do. **Metodologia do trabalho científico**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

PENNA, A. G. **Notas de introdução ao estudo da estética**. In: Os filósofos e a psicologia. P. 153-182. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

PLATÃO. **Fédon**. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os pensadores).

PLATÃO. **A república**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

PLATÃO. **Teeteto**. Tradução de Benedito Nunes. 3. ed. Belém: UFPA, 2001.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. Estética e Política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo, SP: Exo experimental org. e Editora 34 Ltda, 2005.

REALE, G. **Platão**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

SCHUHL, M. **Platão e a arte de seu tempo**. Trad. Adriano Machado Ribeiro. São Paulo: Discurso Editorial: Editora Barcarolla, 2010.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética/Spinoza**. Trad. Tomaz Tadeu. 2ª ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.

SUZUKI, Márcio. **O belo como imperativo**. In: SCHILLER, Friedrich. A educação estética da humanidade: numa série de cartas. Tradução Roberto Schwarz e Márcio Suzuki; Introdução e notas Márcio Suzuki. 9ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2015.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 12ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar **minha mãe** que tanto colaborou para minha formação acadêmica que não estar mais entre nós, mas sei que onde ela estiver estar olhando por mim.

Aos **meus irmãos** que me ajudaram, com nicolas para que eu pudesse conseguir dar seguimento, nas aulas presenciais.

Ao meu orientador professor **Arlindo** que gentilmente todas as vezes, puder contar com a sua disposição para a chegar ao final com meu trabalho de conclusão. E, por fim, a **todos os professores da uepb** que de certa forma me ajudaram, para que eu pudesse com meu esforço chegar até o final, **Nilton, Otacilio, Gilmara, Eugênia**, e tantos outros que fazem parte do corpo docente da UEPB.